

Material Educativo

Primeiro o ser humano.

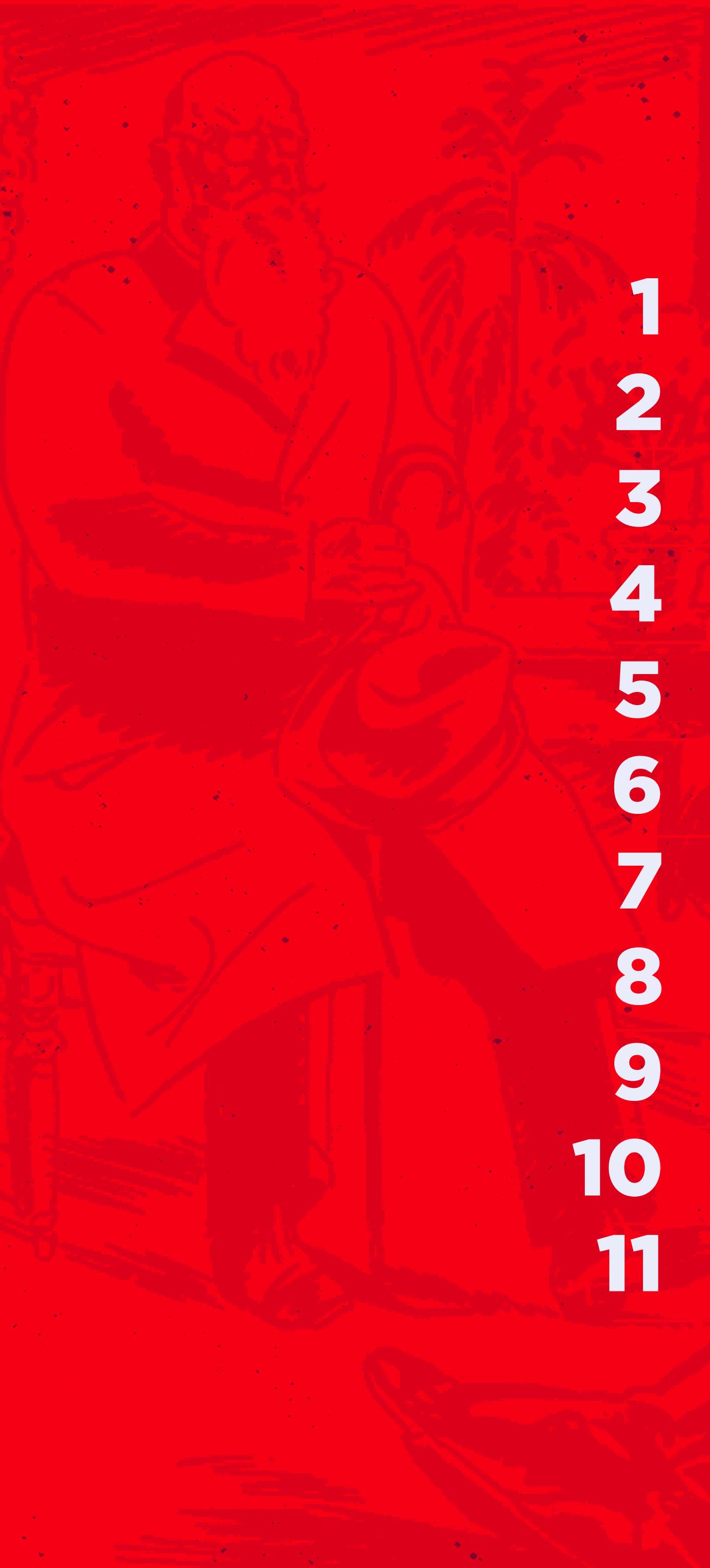
Os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.



museu do
Holocausto
CURITIBA | BR



DANSK
JØDISK
MUSEUM
THE DANISH JEWISH MUSEUM



1	Apresentação, Carlos Reiss	3
2	Apresentação, Dansk Jødisk Museum	4
3	História dos judeus na Dinamarca	5
4	A ocupação nazista da Dinamarca	6
5	O resgate dos judeus dinamarqueses	7
6	Mapa	8
7	Histórias de Fuga e Resistência Eva Bonfil (1939 -), August Osvald Herlov (1896-1983)	9
8	Testemunhos Agnes Ruben (1931-2022), Esther Lexner (1924-2022)	11
9	A justa resistência dinamarquesa	13
10	A singularidade do caso dinamarquês	14
11	O rei da Dinamarca usou uma estrela amarela?	15



12
13
14
15
16
17
18
19

O que nos aproxima dos dinamarqueses e o que nos separa dos nazistas? Salus Loch

17

A resistência dinamarquesa no cinema

19

Propostas pedagógicas - Leif, o refugiado

21

Propostas pedagógicas - Educação Infantil e Ensino Fundamental

23

Propostas pedagógicas - Ensino Médio

25

Referências bibliográficas

27

Legendas

28

Créditos

29

Apresentação, Carlos Reiss

Coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba

Eternizada por William Shakespeare na tragédia de Hamlet, escrita na virada do século XVI para o XVII, a frase “há algo podre no reino da Dinamarca” tornou-se uma alegoria para qualquer degradação política ou desfecho catastrófico, como um castelo de cartas prestes a desmoronar. Proferida pelo personagem Marcellus, a frase é um alerta ao próprio Hamlet para que ele percebesse o grande perigo em que se encontrava. No imaginário popular, ela carimbou a Dinamarca com uma alcunha negativa e uma estima duvidosa.

No entanto, a invasão da Alemanha nazista à Dinamarca, em 1940, mostrou, afinal, que “há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Ao contrário dessa podridão, sentimentos de benevolência e humanidade transbordaram a sociedade dinamarquesa. Como um plot twist de um filme hollywoodiano, uma mudança inesperada do enredo aos olhos do mundo, a perseguição, deportação e extermínio de judeus na Dinamarca durante o Holocausto falhou miseravelmente.

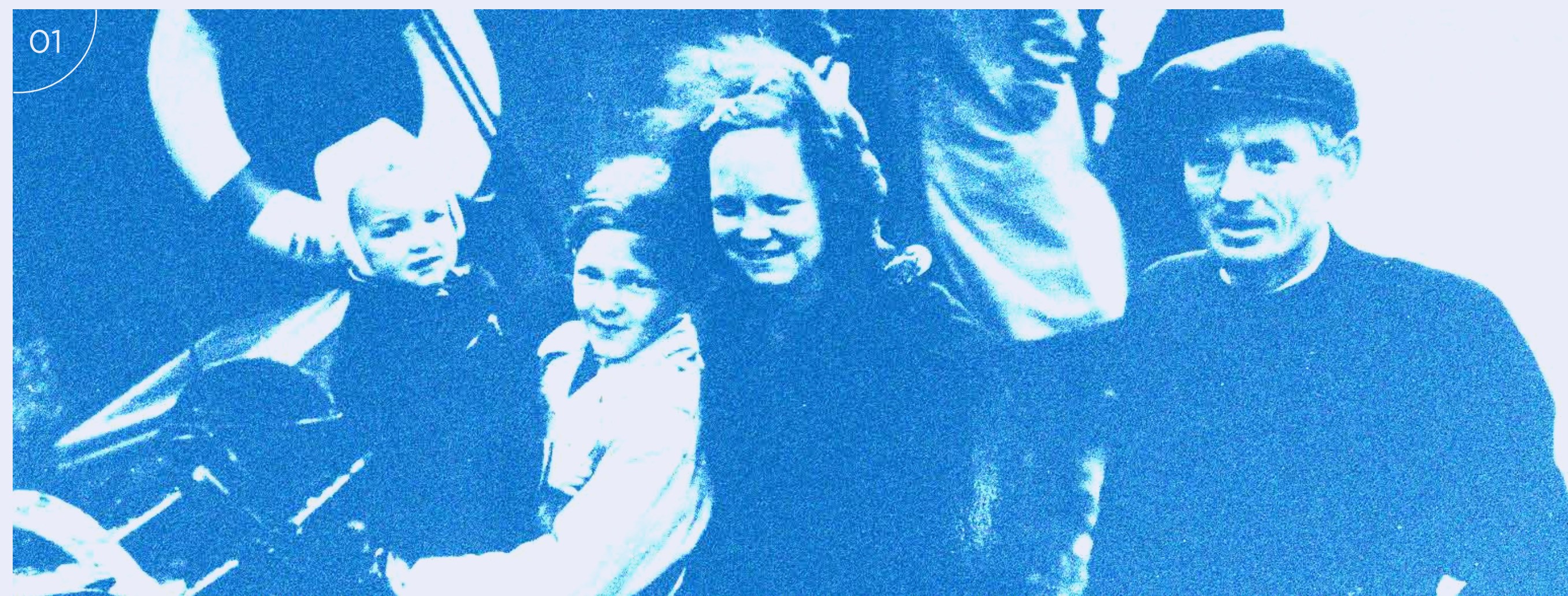
A história insólita desse povo milenar em terras dinamarquesas é *sui generis*, e o comportamento da população do país escandinavo foi único entre todos os países da Europa durante a 2ª Guerra Mundial – seja ele ocupado pelas forças nazistas, aliado ao Eixo ou neutro. Embora pequena demais para se defender militarmente, a Dinamarca avaliou suas opções de forma realista. No fim, nos ofereceu histórias sobre o instinto de sobrevivência, a desobediência civil e a assistência prestada por grande parte de um povo que, indignado, se rebelou contra a deportação de seus compatriotas.

Não foi a primeira vez que os dinamarqueses foram confrontados historicamente com desafios morais e éticos. Em 1864, depois de derrotada pelos prussianos, a Dinamarca foi assolada por um profundo mal-estar. Foi Nikolai Grundtvig (1782-1873), um poeta, educador, historiador e teólogo talentoso e versátil, que cultivou entre os dinamarqueses o espírito de democracia e humanidade por meio de escolas populares. “Primeiro o ser humano, depois o cristão: só esta é a ordem da vida”, escreveu. Menos de cem anos depois, o destino de pouco mais de sete mil judeus estava nas mãos de uma sociedade que não apenas os tolerava, mas que integrou a comunidade judaica e rechaçou o antisemitismo moderno em suas bases sociais.

“Primeiro o ser humano”: os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca é um material que não apenas homenageia o esforço coletivo do país (e de sua resistência, seu underground, a Den danske modstandsbevægelse) em nome da empatia e da alteridade. Ele também demonstra que, mesmo em um mundo em completo colapso moral, sempre há opções de escolha. Seria impossível, ao tratar de um genocídio extremo como o Holocausto, focar apenas no horror e no egoísmo, e descartar histórias extraordinárias como a da sociedade dinamarquesa, que escolheu agir a partir de valores incompatíveis com a iniquidade e a injustiça.

Graças ao esforço das áreas de História, Educação e Relações Internacionais, o Museu segue a linha de projetos pedagógicos anteriores e apresenta um material robusto, de linguagem acessível e pronto para ser utilizado em sala de aula. Numa parceria com o Museu Judaico Dinamarquês, em Copenhague, os textos apresentam o contexto histórico, destacam testemunhos em primeira pessoa e histórias de vítimas sobreviventes (inclusive relacionadas ao Brasil) e fazem reflexões sobre sua singularidade e suas implicações nos dias de hoje.

O que muitos sobreviventes descreveram como o “milagre dos resgates” foi um ato de bravura, coragem e solidariedade. Ao contrário de outras partes da Europa, o questionamento sobre o que a população poderia ter feito deu lugar, na Dinamarca, a outra pergunta: “como poderíamos deixar de ter feito?”. No dilema sobre “ser ou não ser, eis a questão”, transformado em questionamento existencial, grande parte do povo dinamarquês optou por “ser”, agir e se posicionar. A operação de resgate dos judeus, evacuados por barcos pesqueiros por meio de um estreito para a segurança na neutra Suécia, materializa uma resposta à dúvida de Hamlet sobre como viver com integridade. Serve de exemplo para questões que, até hoje, a humanidade ainda precisa se debruçar.



Apresentação, Dansk Jødisk Museum

Judeus dinamarqueses desde a chegada até a fuga



* **Ashkenazim (ou asquenazes)** se referem aos judeus originários da Europa Central e Oriental.

Sefaradim (ou sefaraditas) se referem aos judeus originários da Península Ibérica.

A vida judaica na Dinamarca começou em 1622, quando o rei Christian IV (1588-1648) convidou judeus sefaraditas* para seus domínios a fim de desenvolver o comércio. Os primeiros judeus se estabeleceram no ducado de Holstein, na cidade de Glückstadt, e mais tarde a comunidade asquenazita* em Altona ficou sob o comando do rei. Ambas as comunidades receberam, à época, amplos privilégios para praticar sua religião, apesar da oposição da igreja evangélica luterana dinamarquesa. A história da vida judaica na Dinamarca é uma história de aceitação e antissemitismo, entre a luz e a escuridão.

Entretanto, em geral, o governo dinamarquês protegeu a minoria judaica, apesar de ocasionais e até mesmo violentas ondas de sentimentos antissemitas. Ele se recusou a reunir os judeus de Copenhague em um gueto no fim do século XVII, a isolar os judeus usando braçadeiras vermelhas em meados do século XVIII e, em 1814, em meio a um feroz debate antissemita no exterior e na Dinamarca, concedeu direitos civis à minoria judaica.

Os judeus dinamarqueses se integraram e muitos pioneiros nos negócios, na política e na vida cultural, que se tornaram coarquitetos da Dinamarca moderna, eram de origem judaica. Após as perseguições aos judeus na Europa Oriental no fim do século XIX, um número maior de imigrantes se estabeleceu em Copenhague, acrescentando um novo elemento à vida e à cultura judaica, bem como à dinamarquesa.

Novos fluxos de refugiados judeus do regime nazista chegaram à Dinamarca na década de 1930, e o país foi ocupado pela Alemanha nazista em abril de 1940. Na noite entre 1º e 2 de outubro de 1943, as forças de ocupação alemãs iniciaram a ação contra os judeus dinamarqueses. No entanto, um aviso havia sido emitido e, por meio de um tremendo esforço comum, a maioria dos judeus dinamarqueses foi resgatada, fugindo para a Suécia em embarcações, tanto pequenas quanto grandes.

Essa é uma história notável no contexto sombrio do Holocausto. Ela brilha como uma luz intensa que nos lembra de como a coragem e as escolhas pessoais são importantes e relevantes não apenas em uma perspectiva histórica, mas também para o presente.

A História tem suas sombras. Alguns optaram por não agir ou agir de forma diferente, de modo que aproximadamente 500 judeus da Dinamarca foram deportados para o campo nazista de Theresienstadt. No entanto, a maioria deles sobreviveu devido a um acordo com o governo dinamarquês, que pôde enviar pacotes com alimentos e roupas para os prisioneiros dinamarqueses.

Embora a maioria dos judeus da Dinamarca tenha sido resgatada, a fuga e a perseguição tiveram consequências para aqueles que passaram por isso. Após a guerra, a maioria dos judeus retornou à Dinamarca e encontrou suas casas e pertences, em sua maior parte, intactos.

Em 2023, faz 80 anos que esses eventos dramáticos ocorreram. Estamos em uma linha divisória em que as últimas testemunhas estão desaparecendo lentamente, e a história da coragem de agir na Dinamarca é, portanto, mais do que nunca relevante para ser lembrada também diante dos recentes acontecimentos na Europa e no mundo.



“Primeiro o ser humano”: os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.

História dos judeus na Dinamarca

A história dos judeus na Dinamarca é mais recente do que de países da Europa Central, do Sul e Oriental, como Alemanha e Polônia. Embora existam menções esparsas à presença de indivíduos judeus na Dinamarca durante a Idade Média, a residência de judeus no país esteve proibida no século XVI a partir da reforma protestante no reino.

O ano de 1622 é considerado como o marco inicial da comunidade judaica dinamarquesa. Nessa data, o rei Cristian IV convidou comerciantes judeus sefaraditas de Amsterdã e Hamburgo a se estabelecer em Glückstadt (atualmente na Alemanha, mas então sob domínio dinamarquês), cujo porto o rei pretendia que competisse com o de Hamburgo.

Nas décadas seguintes, comerciantes judeus também puderam se estabelecer na capital dinamarquesa, Copenhague. Porém, não tinham direitos de cidadãos, a autorização de entrada na Dinamarca estava condicionada a possuir certa quantia de capital - judeus pobres que tentaram entrar na Dinamarca podiam ser expulsos - e sua atuação profissional estava restrita a algumas profissões, como a de prestamista e comerciantes de produtos específicos, como roupas usadas, chá, café e chocolate.

Nesse período, destacou-se a figura de Meyer Goldschmidt. Joalheiro conhecido, ele obteve, em 1684, autorização para realizar serviços religiosos em sua casa e, dez anos depois, para construir um cemitério judaico. Por cerca de 50 anos, a casa de Meyer Goldschmidt foi o centro da vida judaica local, até que puderam construir uma sinagoga. Em meados do século XVIII, a população judaica da Dinamarca ultrapassava mil pessoas.

Algumas corporações de ofício, bem como a Igreja da Dinamarca, protestavam contra a presença de judeus e sugeriam confiná-los em guetos. Mas, de modo geral, estas reclamações não eram atendidas pelo Estado, que os protegia e os via como economicamente úteis.

A partir do fim do século XVIII, a influência do Iluminismo fez com que as restrições legais aos judeus fossem gradualmente abolidas. Em 1814, judeus obtiveram igualdade civil e, em 1849, a emancipação completa, ou seja, a concessão de cidadania plena. Parte da

população não aprovava esse processo e, em 1819, os chamados “tumultos Hep-Hep”, surgidos em resposta a emancipação dos judeus em algumas regiões alemãs, atingiu a Dinamarca, levando a uma série de agressões e vandalismos.

Com a emancipação formal, os judeus dinamarqueses se integraram mais na sociedade, influenciados pela Haskalá, ou iluminismo judaico, movimento surgido na vizinha Alemanha que estimulava a integração dos judeus à vida secular. Exerciam profissões mais variadas, as liturgias foram modernizadas, a língua dinamarquesa passou a ser utilizada nas escolas judaicas e nos documentos oficiais comunitários e casamentos entre judeus e cristãos se tornaram frequentes. Na virada do século XIX para XX, a maioria dos cerca de 3.500 judeus da Dinamarca vivia em Copenhague, onde se congregavam na grande sinagoga de Krystalgade. Em 1933, até mesmo o rei Cristian X compareceu às festividades do centenário da sinagoga.

A população judaica do país dobraria nas duas primeiras décadas do século XX, com a imigração de judeus do Leste Europeu, sobretudo a partir do pogrom de Kishinev, no Império Russo, em 1903. Esses judeus tendiam a ser mais pobres e religiosos do que aqueles que já viviam na Dinamarca, além de falarem iídiche, língua dos judeus da Europa Oriental. Nos anos 1930, chegariam ainda judeus alemães refugiados do nazismo.

No início do século XX, judeus estavam presentes nos mais diversos setores sociais na Dinamarca. Destacam-se, por exemplo, o crítico literário Georg Brandes (1842-1927), a ilustradora Dagmar Freuchen-Gale (1907-1991) e o físico Niels Bohr (1885-1962), cuja mãe era judia. Assim, às vésperas da 2ª Guerra Mundial, os cerca de oito mil judeus da Dinamarca (0,2% da população) formavam uma comunidade plural e bem integrada à sociedade local.



“Primeiro o ser humano”: os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.

A ocupação nazista da Dinamarca

Desde a ascensão do regime nazista na Alemanha, em 1933, a Dinamarca, ciente de sua posição frágil diante do fortalecimento do vizinho, procurou manter uma postura neutra. No que diz respeito aos judeus, por um lado, a integração à sociedade dinamarquesa seguia de forma cada vez mais plena, apesar do antissemitismo nazista cruzar a fronteira – chegou a haver um partido nazista na Dinamarca com 12 mil filiados. Por outro lado, o governo dinamarquês dificultou a entrada de refugiados judeus alemães, seja sob alegações econômicas ou pró-nazistas. Desse modo, somente cerca de dois mil judeus alemães fugiram para a Dinamarca.

Essa postura restritiva contrastante com a forma como o país tratava os judeus que já viviam na Dinamarca foi por muito tempo minimizada em prol de uma narrativa de heroísmo puro. Porém, nos últimos anos, vem ganhando destaque nas discussões que problematizam e apontam ambiguidades na memória nacional.

Quando eclodiu a 2ª Guerra Mundial, a Dinamarca, assim como os demais países escandinavos, declarou neutralidade. Apesar disso, em 9 de abril de 1940, o país foi invadido pela Alemanha nazista. Sabendo não ter condições de resistir militarmente, a Dinamarca logo se rendeu e fez um acordo com os nazistas, incomum em outras áreas ocupadas: a Alemanha controlaria toda a política externa, mas o governo dinamarquês não seria deposto e teria relativa liberdade para seguir a administração interna.

Um símbolo dessa **manutenção de relativa soberania** foi o fato do rei Christian X continuar fazendo suas cavalgadas por Copenhague. Isso se tornou um símbolo da resistência, surgindo até uma lenda segundo a qual o rei teria usado a estrela de David amarela em solidariedade aos judeus. Embora muito contada após a guerra, essa história não ocorreu – até porque, diferentemente de boa parte das áreas controladas pelos nazistas, os judeus na Dinamarca nunca foram obrigados a usar a estrela de David em suas roupas.

Essa autonomia interna do governo dinamarquês implicou nos judeus manterem os plenos direitos de cidadãos dinamarqueses que já possuíam. Não foram, portanto, confinados em guetos. A exceção foi a expulsão de 21 judeus alemães que tentaram entrar clandestinamente na Dinamarca.

O país escandinavo não representava interesses estratégicos em termos militares para os alemães, mas essencialmente de logística de transporte de insumos. Além disso, de acordo com a ideologia nazista, os povos nórdicos eram também racialmente superiores, o que ajuda a explicar que, diferentemente do que ocorreu em outras regiões da Europa, sobretudo no Leste, os nazistas estivessem dispostos a negociar acordos com os dinamarqueses, desde que não houvesse resistência ativa.

À medida que a guerra se prolongava, as exigências dos nazistas aumentavam. Ordenaram que membros do partido comunista fossem presos e que o governo consentisse com a formação de um regimento da Waffen-SS de seis mil voluntários dinamarqueses para atuarem no front oriental. O governo dinamarquês mantinha uma autonomia ameaçada em um equilíbrio frágil e que enfrentava questionamentos de ordem moral.

A partir de 1942, a indignação com as imposições nazistas, somadas ao ânimo com derrotas militares alemãs na guerra, fortaleceram o movimento de resistência na Dinamarca. No verão de 1943, eclodiram greves, manifestações e atos de sabotagem. A Alemanha exigiu que o governo dinamarquês reprimisse a resistência e aplicasse pena de morte aos sabotadores. Recusando-se a cumprir tais ordens, o governo teve que renunciar em 23 de agosto de 1943 e a Dinamarca passou à administração direta da Alemanha nazista.



O resgate dos judeus dinamarqueses

Consolidada a ocupação direta dos nazistas na Dinamarca, logo iniciaram-se os planos para reprimir violentamente a resistência dinamarquesa e deportar os judeus para campos de concentração, tal como já ocorria na maior parte da Europa.

Porém, uma colaboração da resistência dinamarquesa com a comunidade judaica, sem paralelos em outras regiões europeias, frustraria os planos nazistas. Em 28 de setembro de 1943, Georg Ferdinand Duckwitz (1904-1973), diplomata alemão, avisou dos planos de seu governo para o político dinamarquês social-democrata e membro da resistência Hans Hedtoft (1903-1955). Hedtoft, que viria a ser primeiro-ministro da Dinamarca após a guerra, por sua vez, alertou Carl Bertel Henriques (1870-1957), líder da comunidade judaica dinamarquesa. No dia seguinte, o rabino Marcus Melchior (1897-1969) informou, durante o serviço religioso, os planos nazistas, suspendendo os trabalhos na sinagoga. A data do Rosh Hashaná, o ano novo judaico, estava próxima. Mesmo assim, Melchior aconselhou que todos se escondessem.

Quando, em 1º de outubro de 1943, as operações de deportação dos judeus começaram, a grande maioria deles havia se escondido. Ao mesmo tempo, amplos setores da sociedade dinamarquesa começavam a se organizar para retirar os judeus do país antes de serem encontrados. O bispo de Copenhague, Hans Fuglängs-Damgaard (1890-1979), se pronunciou publicamente contra a deportação. Uma carta assinada pelos bispos para ser lida em todas as igrejas do país no dia 3 daquele mês exortava a população a ajudar no esconderijo e fuga dos judeus, tanto os de nacionalidade dinamarquesa como os imigrados nos anos anteriores.

A Suécia, neutra na guerra, anunciou que poderia receber judeus refugiados. Diante disso, a Resistência dinamarquesa começou a atravessar judeus para a Suécia – separada da Dinamarca por uma estreita faixa de mar – em pequenos barcos de pesca. A operação era arriscada e feita aos poucos, sendo também preciso esconder os judeus que aguardavam para atravessar. Em cerca de três semanas, 7.200 judeus e 700 familiares não-judeus destes foram levados em segurança para a Suécia. Os custos dessa operação foram divididos entre os



08

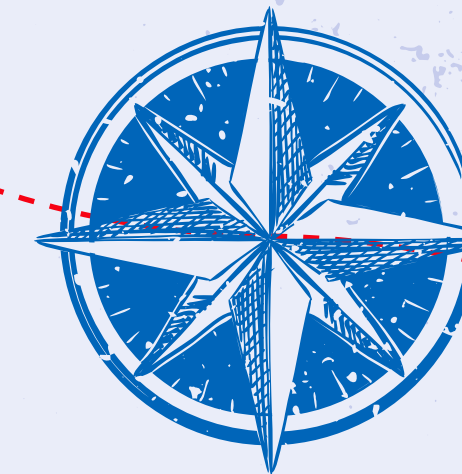
próprios judeus e doações particulares e públicas dinamarquesas.

Aproximadamente 500 judeus dinamarqueses foram, ainda assim, capturados. Autoridades dinamarquesas conseguiram, contudo, negociar com os nazistas, para que fossem enviados para o campo/gueto de Theresienstadt (e não para campos de extermínio) e que pudessem receber pacotes de roupas e comidas da Dinamarca. Foram também essas autoridades que, em 1944, insistiram para que os nazistas autorizassem a Cruz Vermelha a visitar Terezin, que foi devidamente “maquiado” para a ocasião. Cerca de 90% desses judeus dinamarqueses deportados conseguiram sobreviver.

Ao fim da guerra, diferentemente de outros países, sobretudo no Leste Europeu, nos quais sobreviventes foram frequentemente recebidos com hostilidade, os judeus dinamarqueses, ao retornarem, foram, em geral, bem recebidos e tiveram propriedades e bens restituídos.

07





MAPA



No outono de 1943, de norte ao sul do país, embarcações pesqueiras pequenas e grandes saíram de mais de trinta portos e píeres dinamarqueses, repletos de judeus a bordo, em direção à Suécia. Destaque para as cidades de Køge, Helsingör, Gilleleje e a capital Copenhagen.

Esse mapa, criado em 2011 para a exposição permanente do Museu do Holocausto de Curitiba, foi inspirado nas pesquisas do historiador britânico Martin Gilbert (1936-2015) e no acervo do Yad Vashem, em Jerusalém.



Histórias de Fuga e Resistência

Eva Bonfil (1939 -)

Eva nasceu em 14 de janeiro de 1939, em Hamburgo, na Alemanha, filha de Karol (1902-1968) e Hinda Blume Rechtschaffen (1911-2004). Seu pai trabalhava como representante internacional na empresa de comércio de metais da família e levavam uma vida confortável até a ascensão do nazismo. Apesar das leis antissemitas, nos primeiros anos do regime nazista, a família judia pôde manter seus negócios e, por isso, não procuraram emigrar.

Em 1938, porém, com Hinda já grávida de Eva, a situação piorou. Karol e seu sogro Jakob, por serem de origem polonesa, haviam sido expulsos da Alemanha para Zbanszyn, cidade na fronteira entre Alemanha e Polônia. De lá, podiam sair sob a condição de terem um visto para emigrar ao país. Na fronteira, as condições de vida eram muito duras e o pai de Eva contraiu uma otite, que devido à falta de tratamento fez com que tivesse perdas permanentes na audição.

Hinda chegou a tentar obter vistos para o Brasil, onde já vivia sua irmã Malka Kikoler, mas não teve sucesso devido às restrições migratórias impostas pelo governo brasileiro. Tentativas de vistos para outros países também foram infrutíferas. Poucos meses depois do nascimento de Eva, sua mãe conseguiu vistos para a família ir para a Dinamarca, já que Karol mantinha negócios naquele país. Com isso, ele conseguiu sair de Zbanszyn. Jakob, o avô de Eva, ficou; nunca mais o veriam.

Reunida novamente, a família se estabeleceu em Copenhague, onde nasceu o irmão de Eva, Edgar Efraim Michael (1940-2011).

Apesar da ocupação nazista, a partir de 1940, a vida dos Rechtschaffen seguia com relativa segurança e bem integrada no setor ortodoxo da comunidade judaica de Copenhague. Inclusive conseguiam enviar mantimentos para seus familiares em pior situação na Bélgica, na Polônia e na Alemanha. Quando, em outubro de 1943, os nazistas iniciaram as buscas para deportar os judeus, Eva e sua família foram escondidos na igreja que ficava perto de casa. Eva se recorda do medo à noite e do padre que os abrigava acalmá-la, dando-lhe chocolate. Em um pequeno navio de pesca, foram levados até Malmö, na Suécia, onde permaneceram até o fim da guerra.

Em 1945, os Rechtschaffen retornaram para Copenhague, encontrando seus pertences intactos. Apesar de gostarem muito da Dinamarca, os pais de Eva estavam decididos a deixar a Europa. Assim, começaram as tratativas para contatar seus parentes no Brasil.

Chegaram aqui em 1946, se estabelecendo no Rio de Janeiro. Karol se esforçou para manter os rituais do judaísmo ortodoxo em sua casa e Hinda Blume fez parte da comissão para fundar a escola judaica Barilan, atualmente TTH Barilan. Em 1968, Eva se mudou para Israel, onde vive até hoje com sua família.



Eva Bonfil



Histórias de Fuga e Resistência

August Osvald Herlov (1896-1983)

August Osvald Herlov nasceu em 1896, em Aarhus, na Dinamarca. Era casado com Marie Loft, com quem teve dois filhos: Ule e Kirsten. Cristão luterano, August trabalhava em uma agência marítima, onde controlava a entrada e saída de navios da baía.

Em 1940, com a ocupação da Dinamarca pelos nazistas, August passou a integrar grupos de resistência. Ele não era judeu ou pertencente a qualquer grupo que o faria ser alvo de perseguição nazista, mas sentiu que era necessário fazer algo para ajudar. Com amigos do Clube de Esportes, escutava escondido à rádio BBC de Londres e organizou em seu escritório, próximo ao porto de Aarhus, uma série de atividades, como espionagem das ações alemãs e impressão e distribuição de folhetos clandestinos com informações sobre as movimentações nazistas na Dinamarca.

Em outubro de 1943, o grupo passou a ajudar nas operações de salvamento de judeus dinamarqueses, que eram transportados para a Suécia em barcos de pesca. August e seus colegas sabiam com precisão os horários em que os navios alemães passavam, de modo que podiam calcular o momento em que os barcos de salvamento poderiam realizar a passagem com segurança, sem serem vistos.

Em agosto de 1944, o envolvimento de August e outros colegas na resistência foi descoberto. Ele foi preso e levado para o campo de internamento de

Froslevlejren - onde hoje existe um museu. Enquanto os soldados nazistas revistavam a casa, a filha de August, Kirsten, então com 13 anos de idade, estrategicamente se posicionou na frente da cômoda onde ficavam guardados os impressos clandestinos. Assim, eles não foram descobertos.

Em março de 1945, August foi liberado e se escondeu na fazenda do cunhado até o fim da guerra. **Em 1953, sua filha Kirsten Herlov se mudou para o Brasil, passando a viver no Rio de Janeiro e, mais tarde, no interior de São Paulo, na cidade de Mariporã.**

Durante a vida, ela se dedicou a contar a história do pai. Além de narrar a trajetória de resistência que testemunhou, se empenhou em manter o que aprendeu com seu pai, atuando como ativista social e lutando pelo respeito à diversidade e na convivência e troca entre as diferentes culturas em busca de um mundo melhor.

Anos mais tarde, Kirsten fundou a Associação Beneficente para Desenvolvimento Sócio Cultural Pedra Bela, instituição filantrópica que se engaja em projetos sociais e ambientais para a população da zona rural de Pedra Bela, também no interior de São Paulo. August faleceu na Dinamarca em 1983 e a filha Kirsten, no Brasil, em 2017.

August e Kirsten



"Primeiro o ser humano": os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.

Testemunhos

O testemunho a seguir foi gentilmente cedido pelo Dansk Jødisk Museum. A transcrição abaixo corresponde a alguns trechos. O depoimento completo pode ser lido (em inglês) no link ao fim do testemunho.

Agnes Ruben (1931-2022)

Na sexta-feira, 1º de outubro [de 1943], o telefone tocou e uma voz disse: “Você precisa sair para caminhar hoje à noite, você precisa sair para caminhar hoje à noite”. Meus pais pareciam muito ansiosos e sérios. Eles sabiam o que aquilo significava. Eles sabiam que, se não alcançássemos a liberdade do outro lado do estreito de Øresund [entre a Dinamarca e a Suécia], seríamos pegos pelos nazistas e enviados para um campo de concentração.

Esse foi o começo de oito dias em que fugimos e nos escondemos.

Éramos uma família judia de seis pessoas. Meu pai levou meus dois irmãos, de 11 e 13 anos, para alguém que poderia ficar com eles durante a noite. Minha mãe levou eu e minha irmã para uma família pelos fundos da casa, no terceiro andar. Era muito arriscado, tudo tinha que acontecer rapidamente, mas sem chamar nenhuma atenção.

Minha mãe e os outros adultos do apartamento ficaram acordados. No silêncio e na escuridão, todos ouviram ruídos. E, de repente, veio o som que eles temiam. O som de botas batendo. Eles estavam se aproximando. Será que os nazistas do 4º andar nos viram e nos entregaram? As pisadas chegaram até o terceiro andar e depois subiram ainda mais, mas depois desapareceram, descendo novamente. Estávamos salvos por enquanto.

Na noite de sábado, 2 de outubro, era para ser a noite do nosso resgate. Fomos informados de que um homem de tal e tal aparência seria o marinheiro que nos levaria para a outra margem. Então, de repente, enquanto estávamos escondidos entre os barcos, ouvimos carros. Era algo incomum, não havia gasolina e havia toque de recolher todas as noites após um determinado horário. Portanto, isso só poderia significar uma coisa: os alemães.

Passamos a noite com alguns conhecidos. “Vocês não podem ficar em Copenhague por mais tempo, é muito perigoso. Sabemos de uma casa de férias em Jyllinge, perto do fiordo de Roskilde [cerca de 50 km de Copenhague]. Vocês terão que se esconder lá e, enquanto isso, encontraremos uma nova oportunidade para vocês chegarem à Suécia”. Foi isso que um dos conhecidos nos disse. E logo partimos.

É claro que não estávamos esperando visitas e ficamos muito surpresos quando dois jovens apareceram de repente. Será que alguém havia revelado nosso esconderijo? Mas não, não foi nada disso. Depois descobrimos que eles eram da Resistência e que havia armas nos beliches, embaixo de nossos colchões.

Na manhã seguinte, seguiríamos para a Suécia. Fomos de carro até um apartamento em Nørrebro Runddel [em Copenhague], onde dormimos. Não sabíamos o contexto de tudo isso, não conhecíamos as pessoas que nos hospedaram. Tivemos que ir um de cada vez, do píer para dentro de um pequeno barco de pesca que nos levaria para o outro lado. Nos sentamos na pequena cabine e o marinheiro ficou no convés pescando. Foram quatro horas cheias de ansiedade e náuseas, mas tudo correu bem e chegamos a Barsebäck [na Suécia].

Era sexta-feira, 8 de outubro, quando chegamos à Suécia. À noite, começou o Yom Kipur. Meu pai nunca havia orado tão fervorosamente a seu Deus e agradecido a “Ele” por nos salvar.

Leia o depoimento completo em: <https://bit.ly/3Ly2ROk>



Testemunhos

O testemunho a seguir foi gentilmente cedido pelo Dansk Jødisk Museum. A transcrição abaixo corresponde a alguns trechos. O depoimento completo pode ser lido (em inglês) no link ao fim do testemunho.

Esther Lexner (1924-2022)

Quarta-feira, 29 de setembro, é um dia que eu, junto com milhares de outros judeus dinamarqueses, jamais esquecerei.

Após o serviço religioso matinal na sinagoga, espalhou-se como fogo a notícia de que as pessoas deveriam evitar ficar em casa. Havia rumores de um ataque alemão contra os judeus na Dinamarca e que os alemães tinham navios no porto para transportar os judeus dinamarqueses para campos de extermínio.

Era Rosh Hashaná [ano novo judaico] naquela noite, portanto, a maioria das pessoas provavelmente estava planejando ficar em casa e comemorar. Éramos [Esther e seu marido, Abraham] recém-casados, com um ano e meio de casados. Tínhamos planejado receber a família para jantar naquela noite. Meus sogros, que moravam em Slagelse [cidade a cerca de 100 km de Copenhague], portanto, não sabiam nada sobre a situação, estavam a caminho de Copenhague sem suspeitas.

No fim, decidimos deixar nossa casa e, então, foi uma questão de encontrar meus sogros e dois cunhados mais novos. Agora a questão era saber qual era o lugar menos inseguro para ir. Decidimos ir para Slagelse, porque era lá que provavelmente tínhamos mais contatos. No trem, onde nos espalhamos um pouco, vimos vários outros judeus que também estavam em fuga, mas evitamos cumprimentá-los e fingimos que não os conhecíamos.

Estávamos agora a caminho de outro grande amigo que morava em Næstved [cerca de 40 km de Slagelse]. Dessa vez, porém, não ousamos pegar o trem novamente, então pedimos ajuda a um motorista de táxi em quem sabíamos que podíamos confiar.

Sabíamos que também não poderíamos ficar lá. Especialmente nas pequenas cidades da província, todos sabiam tudo uns sobre os outros, e

não podíamos expor nossos amigos não-judeus ao grande risco de nos hospedar. O amigo de Næstved tinha um casaco e um boné de capitão e meu marido Abraham o pegou emprestado. Ele andou pelas ruas em torno da região e entrou em contato com alguns combatentes da liberdade. Ficou combinado que deveríamos seguir para Rødvig [cerca de 45 km de Næstved], onde seríamos contatados.

O carro parou a uma certa distância do porto, onde havíamos marcado um encontro com um pescador que nos levaria para o outro lado. Caminhamos uma boa distância no escuro em direção ao porto, mas no último minuto nossos planos foram alterados, pois os alemães haviam se posicionado no porto naquela mesma noite. Em vez disso, fomos silenciosamente até uma casa de marinheiros, onde um grande número de refugiados, jovens e idosos, já estava escondido.

No dia seguinte, meu marido entrou em contato com um pescador em Strøby [cidade próxima]. Estávamos apavorados novamente, mas depois de algum tempo chegamos à praia, onde podíamos ouvir os pescadores no mar esperando por nós. Tínhamos que remar até o navio e, para isso, primeiro tínhamos que roubar um barco a remo. No entanto, o único barco a remo estava acorrentado, de modo que para soltá-lo era preciso uma serra.

Mais uma vez, a sorte nos favoreceu. Perto da praia havia uma pequena casa com uma luz em uma das janelas. Na casa, morava a esposa de um velho pescador e ela tinha uma dessas serras e, em pouco tempo, o barco foi solto. Todos nós entramos no barco a remo e fomos até o barco à espera, que nos levou a um porto seguro em Trelleborg [na Suécia].

Leia o depoimento completo em: <https://bit.ly/3Zr9zv4>

Esther

14



A justa resistência dinamarquesa

Em um mundo em completo colapso moral, uma pequena minoria reuniu coragem extraordinária para defender os valores humanos. Estes foram os **“Justos entre as ações”**, título concedido pelo Museu Yad Vashem, em Jerusalém, a não-judeus que arriscaram suas vidas durante o Holocausto para salvar judeus da perseguição nazista por motivos altruístas.

O caso dinamarquês é tão emblemático que até mesmo esta honraria foi moldada ao que o próprio Yad Vashem classificou como uma operação de resgate “excepcional”. Embora o título de Justo seja concedido a indivíduos, não a grupos, a resistência dinamarquesa entendeu o resgate dos judeus dinamarqueses não como atos individuais, mas como um esforço coletivo. Tal como Nikolai Grundtvig, dinamarquês que um século antes já havia dito que, na ordem da vida, “primeiro o ser humano, depois o cristão”. Por isso, o Yad Vashem respeitou e atendeu o “desejo” e a “insistência do Movimento” para que reconhecesse o caráter coletivo do salvamento, e não apenas das pessoas.

A resistência não chegou a receber o título de “Justo entre as Nações”, já que o reconhecimento não é concedido a grupos. No entanto, em 1963, uma árvore foi plantada na “Avenida dos Justos”, nos jardins hierosolimitanos do Yad Vashem, em homenagem à resistência dinamarquesa. Além disso, um autêntico barco de pesca da vila dinamarquesa de Gilleleje é exibido pela instituição israelense a visitantes de todo o mundo.

O pedido expresso dos membros da resistência, acatado em sua essência pelo Yad Vashem, resultou num número de justos dinamarqueses relativamente pequeno tanto em relação a outros países

quanto à magnitude da operação de salvamento. Apenas 22 dinamarqueses, cujos atos de resgate foram igualmente marcantes, receberam individualmente o título: o primeiro em 1966 e o último em 2005. São eles: **Anna Christensen, Karen e Knud Marstrand Christiansen, Knud Dyby, Ellen e Fredrik Fogh, Pastor Arnold e Karen Gunners, Ester Handberg, Esben e Helga Hansen, Helga Holbek, Sigurd Larsen, Dagmar Lustrup, Inga e Svend Norrild, Harald, Robert e Gertrud Petersen, Ellen Margrethe e Henry Thomsen, e Gerda Valentiner.**

Georg Ferdinand Duckwitz, o oficial alemão que propositadamente vazou a notícia do início das deportações, também está na lista dos Justos entre as Nações. O reconhecimento do diplomata, em 1971, foi também um produto de circunstâncias extraordinárias: em seu caso, o pedido de honra originou-se do Ministério de Relações Exteriores de Israel, juntamente com a embaixada de Israel em Bonn, na então Alemanha Ocidental, e não dos judeus salvos por suas ações, como geralmente é o caso. Isso atesta a importância que Israel atribuiu, naquele momento, a quaisquer medidas que pudessem melhorar relações com a Alemanha Ocidental, então sob a liderança do chanceler Willy Brandt (que serviu no cargo de 1969 a 1974).



A singularidade do caso dinamarquês

O salvamento dos judeus dinamarqueses foi um caso absolutamente singular. Entre os países controlados ou ocupados pela Alemanha nazista ou seus aliados, em nenhum uma parcela tão grande dos judeus, mais de 95%, sobreviveu ao Holocausto.

Fugas em massa e operações de resgate de judeus também ocorreram em outros países. Na Alemanha, organizações judaicas, atuando pública ou clandestinamente, conseguiram viabilizar a emigração de milhares de judeus. Em países como França e Bélgica, muitos foram salvos graças a coordenação com movimentos de resistência antifascistas. Em locais como Noruega, Bulgária e Itália, resgates fizeram com que um percentual comparativamente alto da população judaica sobrevivesse. Em nenhum deles, porém, a parcela de judeus salvos e o nível de consenso na sociedade em torno da necessidade de protegê-los foi tão alto como na Dinamarca.

A historiadora Leni Yahil destaca que explicações que apontam uma relação linear entre a vida judaica anterior e operações de salvamento podem se mostrar falhas. O alto grau de integração dos judeus e o antissemitismo relativamente baixo é um fator importante, mas não era muito diferente da situação dos judeus na Holanda, onde cerca de 75% foram mortos. Por outro lado, na Romênia, onde o antissemitismo prévio era forte, uma parcela expressiva conseguiu se salvar. O nível de organização da comunidade judaica dinamarquesa também não se destacava e suas lideranças procuravam se distanciar de movimentos de resistência.

Múltiplos aspectos geraram condições propícias para tão singular história. Um fator foi que, diferentemente de outros países ocupados, os nazistas implementaram medidas antissemitas tardiamente; até agosto de 1943, a vida dos judeus seguia com relativa normalidade. Alguns motivos explicam isso. A Dinamarca não era, até 1942, considerada um front militar para os nazistas, que não temiam um ataque Aliado pelo norte. A população judaica era pequena (cerca de oito mil pessoas) de modo que os nazistas não priorizavam esse caso, visto como de rápida resolução quando fosse preciso.

A controversa política de negociação do governo dinamarquês com os nazistas também foi decisiva. Por um lado, ela facilitou a cadeia de suprimentos dos nazistas e o deslocamento de tropas (sobretudo para a Noruega). Por outro, permitiu manter uma relativa normalidade interna até o verão de 1943. Mesmo após a queda do governo dinamarquês, acordos como suprimento de produtos agrícolas continuaram, o que pode ter colaborado para que os nazistas não empregassem muitos esforços para reprimir as operações de resgate dos judeus.



A ordem para a deportação dos judeus ter sido tardia e repentina, pouco depois da queda do governo dinamarquês, colaborou para que proteção aos judeus e a liberação nacional fossem intimamente ligados para os movimentos de Resistência – diferentemente de outros países, nos quais resistir à ocupação nazista não estava necessariamente conectado ao destino dos judeus.

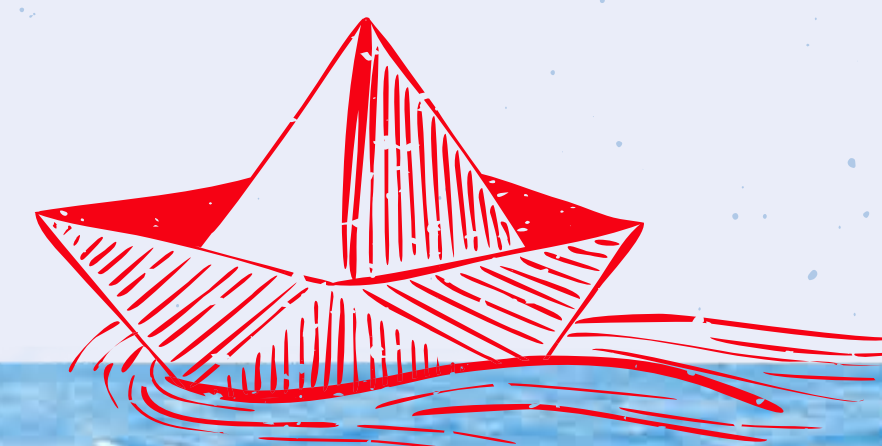
Não se pode ignorar ainda o aspecto circunstancial do vazamento dos planos nazistas, a sorte de uma faixa estreita de mar separar a Dinamarca da Suécia e o fato desta ter se disponibilizado para receber refugiados (em negociações sobre as quais até hoje pairam algumas dúvidas, mas que teriam contado com o diplomata alemão Duckwitz, o mesmo que revelou os planos nazistas na Dinamarca, e o físico Niels Bohr).

Apesar desses fatores, não é possível ignorar o senso democrático da população, sendo seus habitantes vistos como cidadãos, independentemente da origem étnica, cultural e religiosa. Os dinamarqueses que se engajaram na fuga dos judeus não o fizeram por caridade, mas como um ato político em defesa de uma forma de viver em sociedade.

Isso não significa que a sociedade dinamarquesa monoliticamente apoiou o salvamento de judeus, nem que ambiguidades estivessem ausentes – por exemplo, nas políticas restritivas de imigração. Isso vale também para o pós-guerra. Em geral, os judeus, após retornarem da Suécia, reconstruíram suas vidas

sem grandes percalços. Esse fato, porém, não implica que o antissemitismo não levante preocupações. Um caso recente foram os atentados terroristas em Copenhague, em 2015. Naquela ocasião, um homem ligado ao Estado Islâmico abriu fogo contra uma sinagoga, matando uma pessoa (no mesmo dia, o atirador havia atacado um evento em homenagem às vítimas do atentado contra o Charlie Hebdo na França, sem relação com a cerimônia na sinagoga). Apesar disso, a trajetória da sociedade dinamarquesa durante o Holocausto segue, positivamente, intrigando e inspirando.

O Holocausto é, de fato, uma reunião de histórias singulares em um mesmo contexto. As características da sociedade dinamarquesa e sua relação com os judeus criou condições de possibilidade para esse grande resgate – mas, em última instância, dependeu de escolhas de coragem. Certamente não há uma causa única, mas delinear esses aspectos devem servir de inspiração para a construção de uma sociedade mais solidária.



O rei da Dinamarca usou uma estrela amarela?

A bem-sucedida história de resgate dos judeus da Dinamarca gerou uma lenda, perpetuada pelas gerações seguintes, de que o rei Christian X teria frustrado as ordens alemãs para que os judeus se identificassem ao vestir ele próprio uma braçadeira com a estrela de David amarela. O uso da estrela foi introduzido pela Alemanha nazista em diversas cidades europeias como prelúdio para a deportação dos judeus para guetos ou deles para os campos de concentração e extermínio. Essa suposta atitude do rei dinamarquês foi transformada num mito, que simbolizaria sua lealdade e coragem perante seus súditos.

A lenda, no entanto, é historicamente falsa. Primeiramente, exceto os que foram deportados para o campo de Theresienstadt, os judeus dinamarqueses nunca usaram o distintivo – tampouco houve qualquer ordem que exigisse que eles o exibissem.

O primeiro registro material dessa história, ainda tratada como um boato, foi um cartoon publicado pelo artista norueguês Ragnvald Blix em um jornal de Gotemburgo, na Suécia, em 10 de janeiro de 1942. Nele, Blix faz o rei conversar com Thorvald Stauning, o último primeiro-ministro dinamarquês antes de os alemães assumirem o controle do executivo.

Stauning pergunta: “O que faremos, Majestade, se Scavenius disser que os nossos judeus também devem usar estrelas amarelas?” E o rei responde: “Então provavelmente todos teremos que usar estrelas amarelas”. Erik Scavenius foi o ministro dos Negócios Estrangeiros dinamarquês que se tornou primeiro-ministro por insistência dos alemães.

Este cartoon foi considerado o propulsor da lenda de como Christian X teria ameaçado usar a estrela amarela. Foi espalhado pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos, sobretudo para melhorar a fraca reputação da Dinamarca como resistência, especialmente depois da evacuação dos judeus, divulgada como um ato redentor entre as nações aliadas livres. Desde então, a história ganhou vida própria, sendo comumente contada como o rei cavalgando em seu cavalo com a estrela (e



desafiando os alemães em público). O primeiro relato documentado deste mito, incrivelmente, data de 1943 e dos (felizmente poucos) judeus dinamarqueses levados ao campo de Theresienstadt. A história foi contada a eles quando chegaram, por outros prisioneiros.

Se sabemos o responsável por divulgá-la, a origem da lenda continua sendo pesquisada. Há evidências de que a ideia foi levantada pelo próprio rei, quatro meses antes do cartoon no

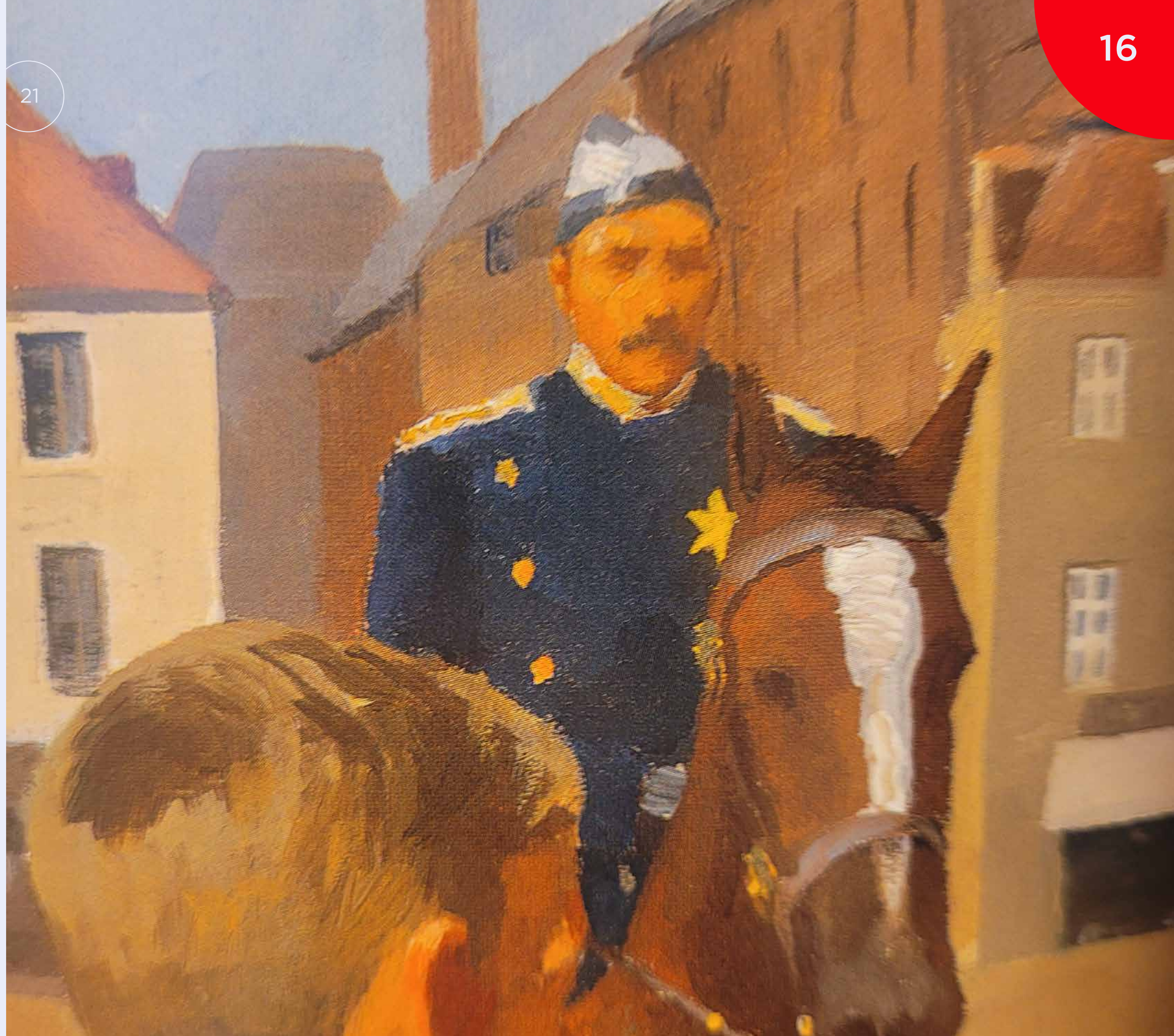
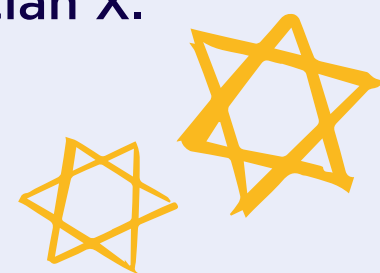


jornal sueco. No outono de 1941, o então primeiro-ministro Vilhelm Buhl conversou com o rei, que registrou a conversa em seu diário, em 10 de setembro.

Quando vimos o tratamento desumano aplicado aos judeus, não só na Alemanha, mas também nas terras ocupadas, começamos a temer que pudéssemos ser obrigados a fazer isso. Tivemos de rejeitar categoricamente esta ideia, devido ao seu estatuto jurídico no âmbito da Lei Básica. Eu disse que não queria que tal reclamação fosse feita contra cidadãos dinamarqueses. Se tal exigência fosse levantada, seria melhor se todos colocássemos “Estrelas de David”. O Ministro das Finanças, Eren, concordou que sempre havia uma saída.

A verdade é que a Dinamarca é um país pequeno e as notícias de conversas entre políticos espalham-se rapidamente. Há um caso notável em que um diálogo privado com um funcionário alemão foi relatado quase palavra por palavra nos jornais clandestinos, em 1943. A lenda do rei Christian X pode ter nascida espontaneamente, mas é mais provável que tenha surgido no circuito de fofocas de Copenhague e floresceu logo depois.

Mitos históricos não transmitem verdades, mas, às vezes, nos remetem a necessidades verdadeiras. A autorrepresentação positiva de um pequeno povo europeu preparado para defender seus vizinhos dos invasores encontrou expressão perfeita na lenda da estrela amarela usada por Christian X.



O que nos aproxima dos dinamarqueses e o que nos separa dos nazistas?

Por Salus Loch. Jornalista, escritor e integrante do departamento de Comunicação do Museu do Holocausto de Curitiba.

Durante a 2ª Guerra Mundial, quando muitos se mostraram indiferentes à crueldade sem precedentes do Holocausto, um ato de coragem e altruísmo se destacou. Parte da população dinamarquesa, enfrentando a ocupação nazista, decidiu não apenas se opor às injustiças, mas também se erguer em prol de seus compatriotas judeus. Hoje, quando olhamos para o passado a partir das lentes do presente, encontramos não apenas uma lição inspiradora, mas também um desafio urgente.

Ao completar 80 anos do resgate, nos encontramos em um cenário complexo e incerto. Vemos discursos extremistas ganhando espaço, num ambiente pós-Covid-19 marcado pela exposição de fragilidades e desigualdades entre nações. Se é verdade que a pandemia demonstrou o sucesso da evolução científica (o vírus foi identificado em duas semanas e as primeiras vacinas já circulavam em um ano), não podemos dizer que as relações humanas tiveram o mesmo êxito.

Apesar de exemplos de abnegação e empatia singulares, a crise evidenciou uma política falha - incapaz de articular globalmente ações eficazes contra o vírus, inimigo comum a todos. Pior: governos transformaram o novo coronavírus em "cavalos de batalha", inflando retóricas que tentaram desacreditar a ciência, alimentando o medo e a divisão entre pessoas. Como consequência, mortes que poderiam ter sido evitadas, acirramentos ideológicos e aumento exponencial de desabrigados e deslocados.

É por isso que o feito dinamarquês nos chama a refletir sobre como podemos, em 2023, nos aproximar dos gestos de solidariedade de 1943 - fazendo algo permanente; tanto quanto o discurso de ódio, que viceja no ambiente virtual, e na fatigante vida real. A resposta parece começar com o compromisso em cuidar de nossas populações, especialmente das minorias. Afinal, como destacou o sociólogo Zygmunt Bauman, o **"Holocausto não foi simplesmente um problema judeu. Ele nasceu e foi executado em nossa sociedade moderna e racional, e por essa razão ele é problema dessa civilização e cultura."** Ou seja, é problema nosso. De todos nós!

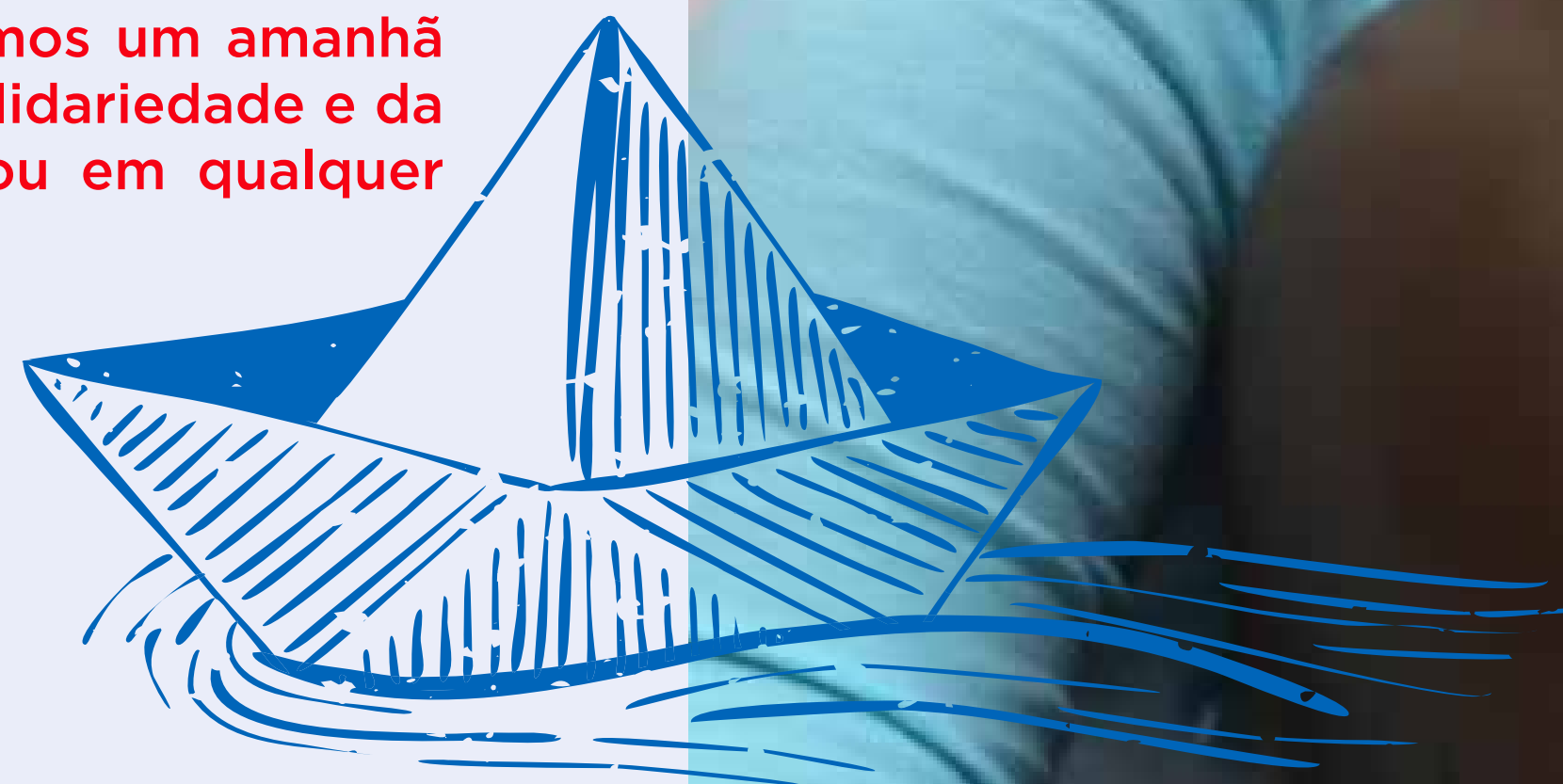


É fundamental que encontremos, em conjunto, alternativas para garantir a sobrevivência dos mais vulneráveis diante de ameaças emergentes, sejam elas sociais, econômicas ou ambientais. A verdadeira mudança só ocorrerá quando nos unirmos em prol de um futuro mais justo. É preciso trabalharmos nesta direção. Devemos nos perguntar se estamos agindo em conjunto como nações. Estamos dispostos a promover soluções que beneficiem a todos? Sinceramente, como a Covid-19 demonstrou, tenho dúvidas, e estou inclinado a responder negativamente a tal questionamento.

Mas, nem por isso, devemos “largar a batalha” – até porque a solidariedade dinamarquesa nos ensina que abandonar o “cada um por si” é imperioso. A história nos alerta sobre o perigo da passividade frente à xenofobia, ao racismo, ao ultranacionalismo e ao populismo. Nosso objetivo deve ser construir uma sociedade que educa e respeita as diferenças, além de dar condições e proteção aos mais frágeis, sem deixá-los para trás, independente da origem ou de crenças. Oitenta anos depois, precisamos buscar uma maior aproximação com o ideal dinamarquês, enquanto nos afastamos da mentalidade maniqueísta que marcou o passado e ameaça o futuro. Não podemos nos permitir repetir os erros que separaram nazistas e simpatizantes dos heróis da Dinamarca.

Somos, mais uma vez, desafiados a agir em união, a estender as mãos, construir pontes em vez de muros e a nos lembrar de que a humanidade compartilha um destino coletivo. Assim, honraremos o legado daqueles que vieram antes de nós e construiremos um amanhã que espelha a autêntica essência da solidariedade e da compaixão, no Brasil, na Dinamarca ou em qualquer país do mundo.

23



A resistência dinamarquesa no cinema

Os meninos de São Petri, 1991



O drama dinamarquês dirigido por Søren Kragh-Jacobsen foi exibido no Festival de Cinema de Cannes de 1992. Inspirado nas atividades clandestinas do Churchill Club, o filme é uma ficção baseada no livro "Drengene fra Sankt Petri" de Bjarne Reuter. Ele conta a história de um grupo de estudantes do Ensino Médio que sabotam o exército alemão e são capturados pelos nazistas.

Aqui, trazemos exemplos de obras do cinema europeu (principalmente dinamarquês) e dos Estados Unidos acerca dos eventos narrados neste material.

Um dia em outubro, 1991



"A day in October" é um suspense sobre a evacuação de judeus na Dinamarca ocupada pelos nazistas. Ele conta a saga da família judia Kublitz (o casal Solomon e Emma, com a filha Sara) e envolve esconderijos, sabotagens e fugas. A operação de resgate é examinada em perspectiva comparativa com insights do roteirista Damian Slattery e do diretor dinamarquês Kenneth Madsen. Os produtores foram vencedores, anos antes, do Oscar de filme estrangeiro com o filme "A Festa de Babette".

Um milagre à meia-noite, 1998



"Miracle at Midnight" é uma produção da Disney filmada para a televisão, estreando no canal norte-americano ABC em 17 de maio de 1998. O filme se concentra na história real de Karl Koster, um cirurgião-chefe que escondeu vários judeus no Hospital Christianna antes de serem transportados, de barco, para a Suécia. O longa está disponível na plataforma Disney+.

Flame & Citron - Os Resistentes, 2008



Flame & Citron é um drama histórico co-escrito e dirigido pelo diretor dinamarquês Ole Christian Madsen. O filme é baseado



na história real de dois combatentes do movimento de resistência dinamarquês Holger Danske, apelidados de Flammen e Citron. Atraído pela história da dupla desde a infância, Madsen passou oito anos junto com o co-escritor Lars K. Andersen pesquisando arquivos históricos para produzi-lo. Foi o longa mais assistido da Dinamarca em 2008.

THERESIENSTADT - Crianças Dinamarquesas em Cativeiro Nazista, 2009



O documentário traz relatos de seis judeus dinamarqueses que, quando crianças, foram deportados com as suas famílias para o campo nazista de Theresienstadt, na atual República Tcheca, durante a ocupação alemã da Dinamarca. Os relatos estão interligados com a história da ocupação da Dinamarca, da Europa em guerra e do Holocausto. A obra pode ser vista em 16 capítulos no site <https://folkedrab.dk/>, com legendas em inglês.



“Primeiro o ser humano”: os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.

Além das Águas, 2016



Além das Águas (Across the Waters) é um drama dinamarquês baseado numa história real. O filme conta a história da família de um músico judeu que foge para uma remota vila de pescadores no norte do país. O diretor e co-redator Nicolo Donato é neto de um desses barqueiros que salvou a vida de judeus na Dinamarca durante a ocupação nazista.

Tempos de Escuridão, 2020



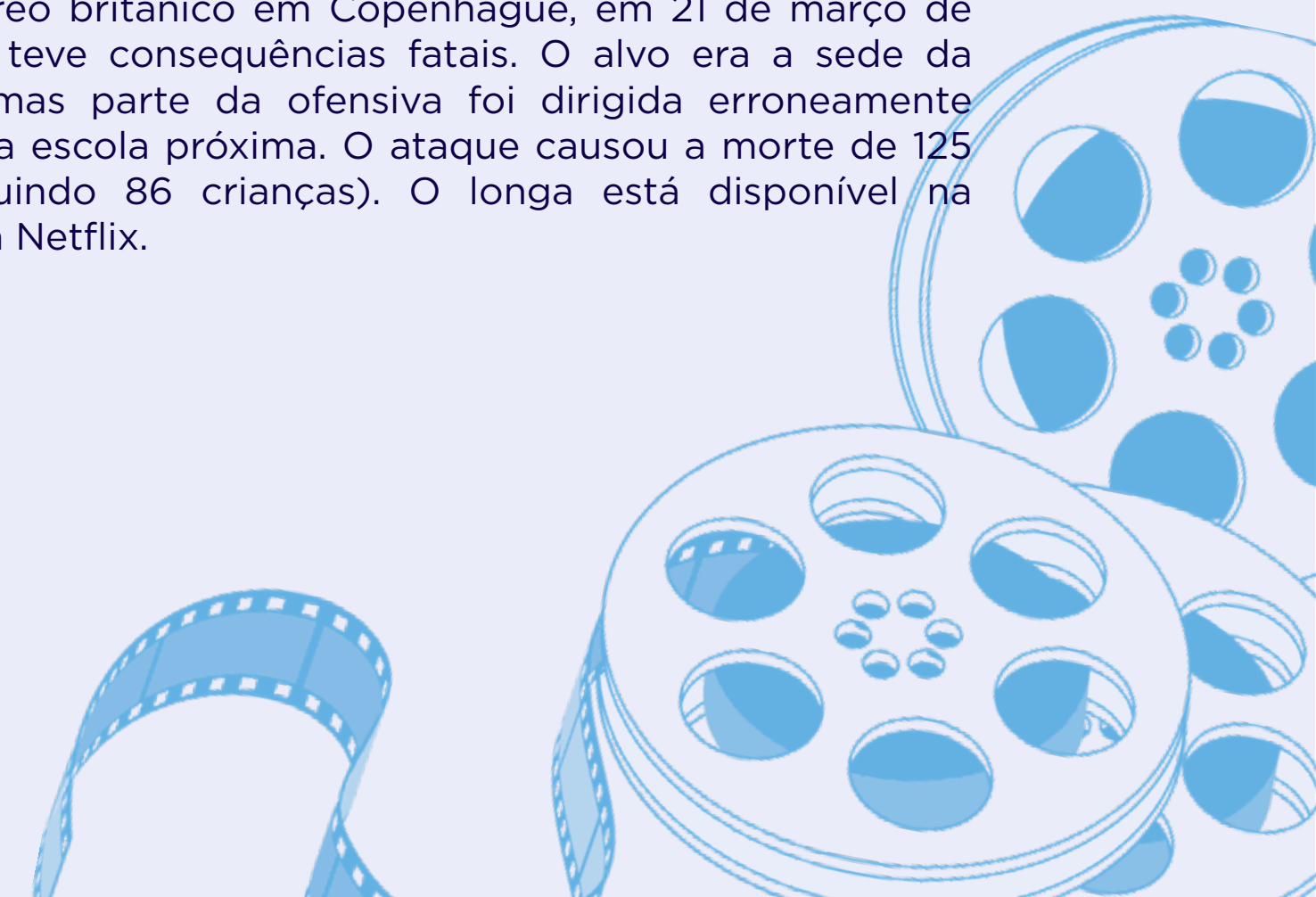
A história de “Into the darkness” se passa em 1940, mais de três anos antes da operação de resgate dos judeus da

Dinamarca. Por meio da relação entre um pai e seu filho, o filme descreve os dilemas de resistência, de colaboração e de uma suposta neutralidade da população dinamarquesa durante a 2ª Guerra Mundial. O longa fez sucesso nas bilheteiras e foi descrito pela crítica como “um pântano de complexidade moral”.

O bombardeio, 2022



Bombardeio é um filme dinamarquês de drama que possui, como pano de fundo, os eventos da Operação Cartago - o ataque aéreo britânico em Copenhague, em 21 de março de 1945, que teve consequências fatais. O alvo era a sede da Gestapo, mas parte da ofensiva foi dirigida erroneamente contra uma escola próxima. O ataque causou a morte de 125 civis (incluindo 86 crianças). O longa está disponível na plataforma Netflix.



Propostas pedagógicas

Esta é uma livre adaptação baseada na história de Leif Donde, uma criança judia dinamarquesa que fugiu com a família para a Suécia, em 1943. A redação é inspirada na história “Mário Marinheiro”, publicada no livro “A arte-magia das dobraduras”, escrito por Lena Aschenbach, Ivani Fazenda e Marisa Elias e publicado pela Editora Scipione. Essa versão da história-dobradura é uma adaptação do livro “Educação Artística - 2ª Série” (Módulo Editora, 2006), das autoras Consuelo Schlichta, Isis Moura Tavares e Rose Meri Trojan.

Leif, o refugiado

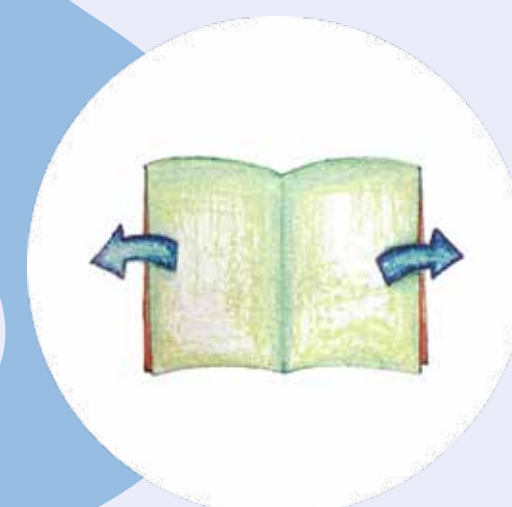
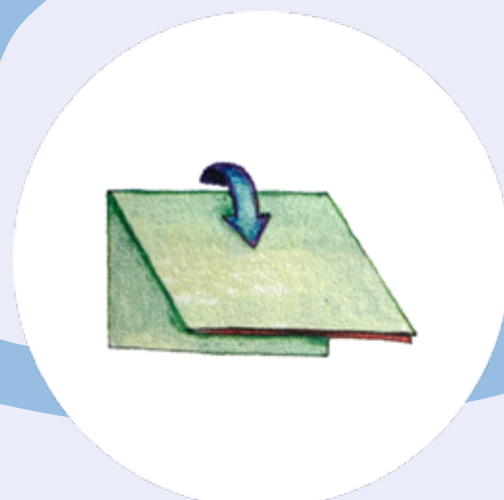
Era uma vez um menino chamado Leif Donde. Ele morava em um país chamado Dinamarca onde frequentava uma pré-escola judaica. Lá, aprendeu a escrever e brincava com crianças judias como ele e outras não. Seu pai possuía uma pequena fábrica de roupas.

Mas, certo dia, outro país ocupou o seu e as coisas começaram a ficar muito complicadas para sua família e os demais judeus. Os pais de Leif ficaram muito assustados com a situação e resolveram deixar a Dinamarca para procurar outro lugar que fosse mais seguro.

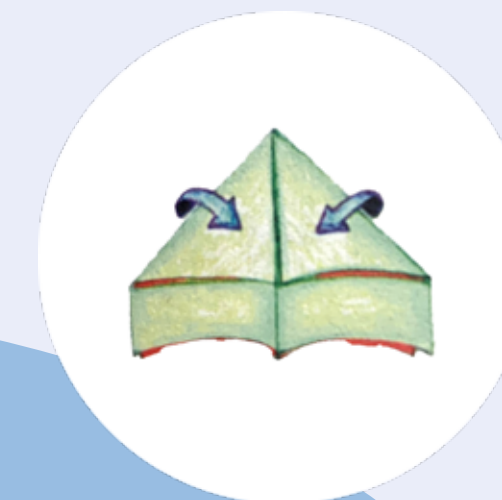
Para Leif, tudo aquilo era uma aventura. Colocaram roupas para proteger do frio e tomaram um trem rumo ao sul. Então, embarcaram num pequeno barco de pesca e seguiram clandestinamente para a Suécia. Durante a viagem, Leif resolveu escrever um diário para registrar tudo o que acontecia.



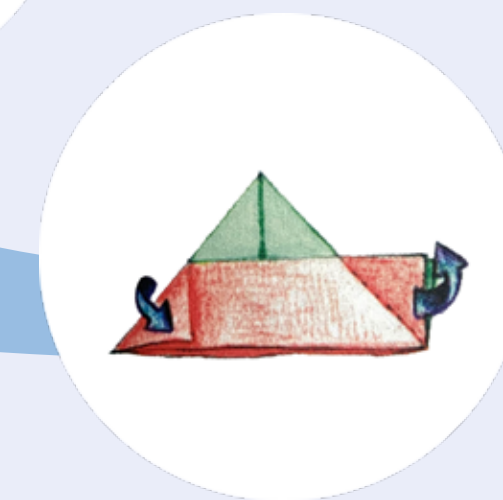
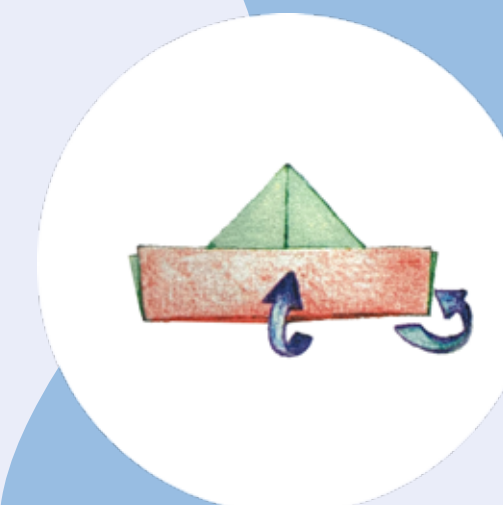
O tempo foi passando e ele foi ficando com saudades da sua cidade, da sua escola, da sua casa e de tudo o que deixou em seu país de origem. Por isso, resolveu escrever uma carta para os amigos que lá deixou.



A viagem estava cansativa e o mar agitado, então sua família resolveu parar numa ilha para descansar. Com alguns poucos pertences que trouxeram em uma mala, o pai improvisou uma barraca para proteger sua família.



Veio uma chuva que logo passou, o sol apareceu, Leif levantou um lado da barraca e resolveu dar uma voltinha enquanto seus pais preparavam tudo para seguir viagem. Para se proteger do sol, improvisou um chapéu.

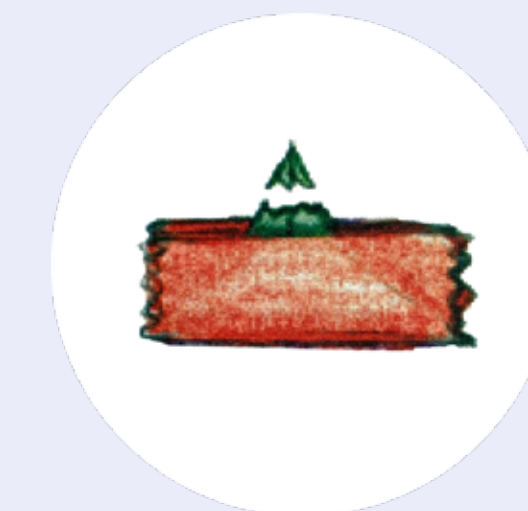
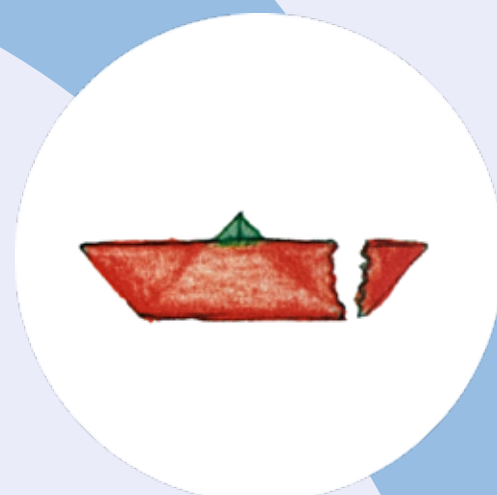


Propostas pedagógicas

Enquanto esperava para seguir viagem, Leif encontrou um menino que se encantou com seu chapéu improvisado. Leif pegou o chapéu, dobrou mais uma vez e deu ao menino, se despedindo.

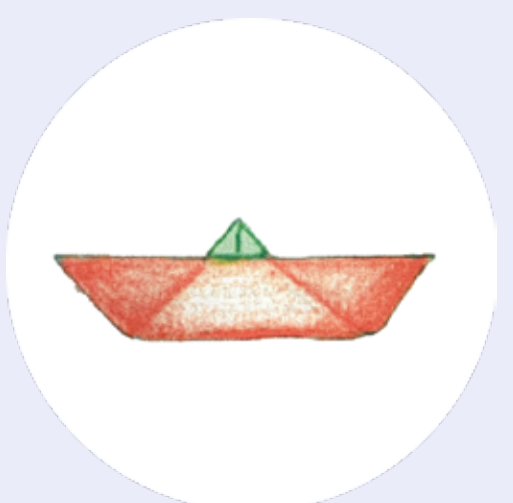
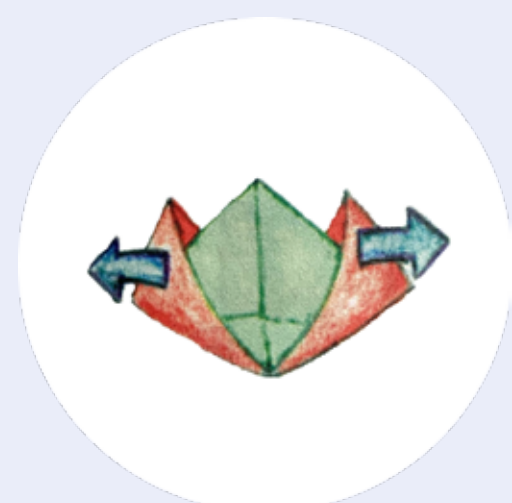


Enquanto navegavam, foram surpreendidos por uma tempestade que sacudiu o pequeno barco, jogando-o contra algumas pedras. A família sentiu medo, saudades e lembraram de tudo o que viveram até ali. Seu pai achou que a viagem teria chegado ao fim ao perceber que a proa do barco foi quebrada com o impacto.



O pai de Leif achou que ali seria o fim, mas lembrou que quando decidiu sair de seu país com a família deixando tudo para trás, buscava proteger sua vida e a vida deles de todos os perigos. Por isso, tomou uma decisão: abandonar o barco, já que estavam bem próximos da praia.

Voltou com sua família para o barco porque tinham pressa em chegar ao novo país e ficarem em segurança.



O barco seguiu sacudindo e perdeu sua popa.



Quando chegaram à praia, se recuperaram do medo, do cansaço, da fome e do frio. De tudo o que trouxeram na mala, algumas coisas restaram, entre elas algumas peças de roupa.

Na Suécia, Leif e sua família viveram por dois anos, até que o perigo passasse e então eles puderam retornar para a Dinamarca. Leif e sua família representam os 7.200 judeus e os 680 não-judeus que deixaram a Dinamarca para se refugiar na Suécia. Ainda hoje, muitas pessoas deixam sua terra-natal para viver em outros países. Assim como Leif, carregam consigo poucas coisas e precisam da ajuda de outras pessoas para iniciar uma vida nova em um novo lugar.



Propostas pedagógicas

EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1** Na roda de conversa, questione os estudantes se já entraram num barco ou viajaram nele. Após trocarem impressões sobre o tema, mostre fotos de diferentes tipos de embarcações (grandes e pequenas) e pergunte por que algumas pessoas viajam assim.
- 2** Mostre, então, fotos atuais de barcos com refugiados e desenvolva uma conversa sobre isso, enfatizando a situação de fuga, a pressa e o destino incerto.
- 3** Conte a história de Leif Donde, mostre sua foto, do barco que foi usado em sua fuga, a distância percorrida (traga um mapa para ilustrar) e ressalte que, para ele enquanto criança, tudo aquilo foi uma grande aventura.
- 4** Como produto final, sugira que eles construam juntos um DIÁRIO DE BORDO sobre a viagem de Leif por meio de recortes e desenhos.



Propostas pedagógicas

ENSINO FUNDAMENTAL

- 1** Realize com os estudantes a história-dobradura das páginas 21 e 22, adaptada de “Mário Marinheiro”, para introduzi-los à história de Leif.

Em seguida, conte a história real com o uso de mapa para que os estudantes localizem os países envolvidos na história. Explique o que é uma adaptação, assim como os termos “refugiado” e “clandestino”.
Link: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/id-card/leif-donde>
- 2** Proponha aos estudantes pesquisarem quem são os refugiados que chegam ao Brasil nos dias de hoje, quais os motivos que os levaram a deixar seu país e como vivem aqui.
- 3** Visualize com os estudantes o vídeo “Malak e o Barco: uma viagem da Síria”, produzido pela UNICEF. Em seguida, monte um quadro comparativo com as diferenças e semelhanças entre a história de Leif, de Malak e de outro refugiado que os estudantes tenham trazido na atividade anterior.
Link: <https://youtu.be/OwXDmJu840I?si=smcOpubyYk2PC17g>
- 4** Por fim, proponha que eles ilustrem as “camisetas”, resultado da dobradura, com frases de acolhida aos refugiados que chegam ao Brasil. Realize uma exposição das “camisetas”, bem como de histórias de refugiados que os estudantes trouxeram para a escola.



Propostas pedagógicas

ENSINO MÉDIO

1

Divida a sala em três grupos e distribua pequenos textos (I, II e III) para discussão.

Texto I:

O ativismo juvenil coloca a juventude à frente, de modo que sejam capazes de gerenciar seus próprios projetos, de assumir responsabilidades pessoais e coletivas, e de se inserirem ativamente nas comunidades a que pertencem. O ativismo jovem gera indivíduos e coletivos engajados na construção de narrativas e ações que incentivem e fortaleçam mudanças.

Texto II:

Você já ouviu falar no Clube Churchill?

O Churchill Club foi um dos primeiros grupos de resistência a ser formado na Dinamarca. Sob a liderança de Knud Pedersen, de 16 anos, suas atividades iniciaram no fim de 1941, quando começaram a atacar as forças de ocupação alemãs em Aalborg para imitar a resistência dos soldados noruegueses. Eles conseguiram realizar 25 atos de sabotagem antes de serem presos pela polícia em maio de 1942. Alguns desses atos de sabotagem incluíam roubar armas e destruir veículos, projetos e peças de aviões. Os meninos foram multados em quase dois bilhões de coroas dinamarquesas pela propriedade nazista destruída e suas sentenças variaram de um ano e meio a cinco anos de prisão. Mesmo após a prisão, alguns dos jovens conseguiram escapar durante a noite para continuar suas atividades de sabotagem por algum tempo.



Texto III:

No lado oposto do ativismo, podemos refletir sobre o que se chama de “eugenia pandêmica”, conceito que foi utilizado no início da pandemia do novo coronavírus. Nele, a falta de ações efetivas de combate, somada ao negacionismo científico durante a pandemia, resultou no extermínio das pessoas mais frágeis e vulneráveis. Seria o “cada um por si”, considerando seus próprios interesses acima de tudo, abandonando os mais fracos pelo caminho.



Propostas pedagógicas

ENSINO MÉDIO

2 Entregue a cada grupo perguntas que nortearão as discussões. Ao final, os grupos se reúnem para apresentar seus textos e suas impressões sobre as perguntas, gerando debate.

- Como cada país está cuidando de sua população em geral, e de suas minorias, em específico? Dê exemplos.
- Estamos construindo alternativas para que os mais vulneráveis sobrevivam às ameaças? O que está ao alcance de vocês para mudar esta situação?
- Procuramos, realmente, agir em conjunto (enquanto nações e indivíduos), promovendo caminhos que possam pavimentar um futuro mais digno? Quais seriam esses caminhos?
- Após 80 anos, o que nos aproxima dos dinamarqueses e o que nos separa dos nazistas? (nesse mesmo material, há um texto do jornalista Salus Loch justamente com esse título).

Materiais complementares para serem usados na dinâmica:

a) Episódio do projeto “Luz sobre o Caos”. O programa no Youtube traz uma série de diálogos sobre o Holocausto e a atualidade. Nesse, foram abordados temas como ativismo jovem, militância e ciberativismo, com gancho na atuação dos movimentos juvenis durante o Holocausto. <https://youtu.be/VQbVp0iHqTU?si=NCs7WxUiMKLXKm9Q>

b) Livro “Os garotos dinamarqueses que desafiaram Hitler”, de Phillip Hoose (Editora Vestígio, 2020).

35



Referências bibliográficas

Livros e artigos

BAK, Sofie Lenie. Copenhagen: Bright Hope and Deep Gloom - A New View of the 1943 Rescue Operation in Denmark. In: BANKE, Cecilia Felicia Stockholm; JERICHOW, Anders. Civil Society and the Holocaust: International Perspectives on Resistance and Rescue. Copenhagen: Humanity in Action Press, 2013.

BANKE, Cecilia Felicia Stockholm. Copenhagen: Refugees and Rescue: The Ambivalence of Danish Holocaust History. In: BANKE, Cecilia Felicia Stockholm; JERICHOW, Anders. Civil Society and the Holocaust: International Perspectives on Resistance and Rescue. Copenhagen: Humanity in Action Press, 2013.

BORISH, Steven. Hal Koch, Grundtvig and the rescue of the Danish Jews: A case study in the democratic mobilisation for non-violent resistance. Grundtvig Studier, Arg. 60, Nr. 1, 2009, p.86-119.

DEEDY, Carmen Agra. The Yellow Star: The Legend of King Christian X of Denmark. Atlanta: Peachtree Publishers, 2000. GOLDBERGER, Leo, ed. The Rescue of the Danish Jews: Moral Courage Under Stress. New York: New York University Press, 1987

HOLLANDER, Ethan. The Banality of Goodness: Collaboration and Compromise in the Rescue of Denmark's Jews. Journal of Jewish Identities. 6 (2), 2013, p. 41-66.

KEREN-CARMEL, Orna. Scandinavia and Israel after the Holocaust. Nordisk judaistik/Scandinavian Jewish Studies. 31(2), 2020, p. 41-59.

LEVINE, Ellen. Darkness over Denmark: the Danish resistance and the rescue of the Jews. New York: Holiday House, 2000. PAULSSON, Gunnar. The 'Bridge over the Øresund': The Historiography on the Expulsion of the Jews from Nazi-Occupied Denmark. Journal of Contemporary History. 30 (3), 1995, p. 431-464.

Revista Morashá. Judeus na Dinamarca, da primeira comunidade à emancipação. Edição 77 - Agosto de 2012. TRAUTNER-KROMANN, Hanne. The History of the Jews in Denmark. Jewishgen. Disponível em www.jewishgen.org/scandinavia/history.htm

TROJAN, Rose Meri; SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte; TAVARES, Isis Moura. Educação artística - 2a. série - Ensino Fundamental. 1ª. ed. Curitiba: Módulo Editora, 2006. 112p.

WERNER, Emmy E. A Conspiracy of Decency: The Rescue of the Danish Jews during World War II. Cambridge: Westview Press, 2002

YAHIL, Leni. The Uniqueness of the Rescue of Danish Jewry. Rescue Attempts During the Holocaust. Proceedings of the Second Yad Vashem International Historical Conference, Yisrael Gutman and Efraim Zuroff (eds.), Yad Vashem, Jerusalem 1977, pp. 617- 625. Disponível em www.yadvashem.org/righteous/resources/uniqueness-of-rescue-of-danish-jewry.html

Websites

FOLKEDRAB.DK
<https://folkedrab.dk>

JEWISH VIRTUAL LIBRARY.
<https://www.jewishvirtuallibrary.org>

MORASHÁ.
<http://www.morasha.com.br>

THE JEWISH FOUNDATION FOR THE RIGHTEOUS.
<https://jfr.org/rescuer-stories>

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM.
<https://encyclopedia.ushmm.org>

WORLD JEWISH CONGRESS. Denmark.
www.worldjewishcongress.org/en/about/communities/DK

YAD VASHEM.
<https://www.yadvashem.org>



Legendas

Apresentação, Carlos Reiss

1 - Refugiados judeus a bordo de barcos de pesca dinamarqueses com destino à Suécia, 1943. United States Holocaust Memorial Museum.

Apresentação, Dansk Jødisk Museum

2 - Dansk Jødisk Museum, entrada. Cortesia.

História dos judeus na Dinamarca

3 - Distúrbios antijudaicos em Copenhague, setembro de 1819. Desenho de Knud Gamborg, 1881. Domínio Público. Digitalização de J. Davidsens. "Fra det gamle Kongens Kjøbenhavn", 2011.

4 - Alunos do Mosaik Drengeskole (Escola Mosaica para meninos), 1935-1939.

Ela e a Escola Caroline para meninas foram estabelecidas no início do século XIX para receber os filhos de imigrantes judeus russos na cultura dinamarquesa. United States Holocaust Memorial Museum, Gus Goldberger.

A ocupação nazista da Dinamarca

5 - Invasão nazista a Dinamarca. The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

6 - O rei Christian X cavalgando por Copenhague em seu 70º aniversário, 26 de setembro de 1940. A foto foi tirada durante a ocupação alemã da Dinamarca. Foto colorizada. Original: C. Næsh Hendriksen: Den danske Kamp i Billeder og Ord, Odense: Bogforlaget Dana, 1945, p. 176. Domínio público.

O resgate dos judeus dinamarqueses

7 e 8 - Resgate de judeus por barcos pesqueiros dinamarqueses, 1943. The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

Histórias de Fuga e Resistência

Eva Bonfil (1939 -)

9 - Eva com o pai e o irmão no carrinho, no parque por onde o rei Christian X passeava a cavalo todos os dias e distribuía balas para as crianças. Copenhague, Dinamarca, 1941. Cortesia Eva Bonfil.

10 - Eva no jardim de infância na Suécia. Entre todas as crianças loiras, ela é a única com cabelos castanhos. Malmö, Suécia, 1944. Cortesia Eva Bonfil.

August Osvald Herlov (1896-1983)

11 - August Osvald Herløv, s. d. Fotografia não identificado. Acervo: Herløv Balonyi/SP; Arqshoah-Leer/USP

12 - Kirsten Herlov Balonyi Folmann em sua antiga residência no Brooklin, São Paulo, atual moradia de sua filha Astrid. Fotografia não identificado São Paulo, Brasil, 08 de agosto de 2011.

Testemunhos

Agnes Rubin (1931-2022)

13 - Agnes Rubin, s/d.

Foto cedida pelo Dansk Jødisk Museum.

Esther Lexner (1924-2022)

14 - Esther Lexner, s/d.

Foto cedida pelo Dansk Jødisk Museum.

A Justa Dinamarca

15 - Primeiro-ministro israelense David Ben Gurion com o colega dinamarquês Viggo Kampmann na cerimônia de inauguração da Praça Dinamarca, em Jerusalém, janeiro de 1962. Cortesia do Zionist Archives.

16 - Árvore em homenagem à resistência dinamarquesa, s/d. Yad Vashem, Israel.

17 - Placa em homenagem à resistência dinamarquesa, s/d. Yad Vashem, Israel.

A singularidade do caso dinamarquês

18 - Barco e pescadores dinamarqueses, década de 1940. Viking Oceans: Danish Heroes - Helping the Jews Flee Nazi Rule. The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

19 - Barco de pesca transportando refugiados judeus de Falster (Dinamarca) para Ystad, na Suécia, em setembro/outubro de 1943. Fotógrafo: Mogens Margolinsky. The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

O rei da Dinamarca usou uma estrela amarela?

20 - Cartoon. Ragnavald Blix, 10 de janeiro de 1942. Gøteborg Handels- och Sjöfartstidning (GHT) Ragnavald Blix - karikatyrtecknaren som utmanade Hitler. Utgivningsår: 2016.

21 - Ilustração do rei Christian X usando uma hipotética estrela amarela. DEEDY, Carmen Agra. The Yellow Star: The Legend of King Christian X of Denmark. Atlanta: Peachtree Publishers, 2000. O que nos aproxima dos dinamarqueses e o que nos separa dos nazistas?, Salus Loch

22 - The Danish Solution: The Rescue of the Jews in Denmark, 2003. IMDB.

23 - Devido à pandemia, Dia da Criança requer maior valorização do vínculo afetivo. 09 de outubro 2020, online. Foto: Divulgação/Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul (SES-RS)

A resistência dinamarquesa no cinema

24 - Os meninos de São Petri, 1991. Divulgação.

25 - Um dia em outubro, 1991. Divulgação.

26 - Um milagre à meia-noite, 1998. Divulgação.

27 - Flame & Citron - Os Resistentes, 2008. Divulgação.

28 - THERESIENSTADT - Crianças Dinamarquesas em Cativo Nazista, 2009. Divulgação.

29 - Além das Águas, 2016. Divulgação.

30 - Tempos de Escuridão, 2020. Divulgação.

31 - O bombardeio, 2022. Divulgação.

Propostas pedagógicas - Leif Donde, o refugiado

Dobraduras - TROJAN, Rose Meri; SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte; TAVARES, Isis Moura. Educação artística - 2a. série - Ensino Fundamental. 1ª. ed. Curitiba: Módulo Editora, 2006. 112p.

Propostas pedagógicas - Educação Infantil e Ensino Fundamental

32 - Leif Donde, s/d. Enciclopédia do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum (USHMM) <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/id-card/leif-donde>

33 - Malak e o Barco - Unfairytale | UNICEF. Reprodução.

Propostas pedagógicas - Ensino Médio

34 - Oito membros do Churchill Club imediatamente antes de serem presos. The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

35 - Um esquadrão de tropas dinamarquesas na manhã da invasão alemã. Foi fotografado pouco antes da batalha por um colega soldado. Horas depois, dois dos sete homens do esquadrão foram vítimas dos disparos nazistas. Bredevad, Dinamarca, 9 de abril de 1940. Hendriksen, C. Næsh (1945) Den danske Kamp i Billeder og Ord, Odense: Bogforlaget Dana, p. 18. Fotógrafo desconhecido.

Referências bibliográficas

36 - Famílias judias dinamarquesas de férias juntas em Rungsted. 1939-1940. United States Holocaust Memorial Museum (USHMM), Leo Goldberger.

Legendas

37 - Judeus dinamarqueses sendo resgatados de navio para a Suécia, outubro de 1943. Yad Vashem Photo Collections 4013/1. Cortesia The Museum of Danish Resistance (Firhedsmuseet).

Créditos

38 - Pessoas nas ruas celebrando a liberação da Dinamarca. Strøget, em Copenhague, 5 de maio de 1945. Nationalmuseet - Museu Nacional da Dinamarca.



“Primeiro o ser humano”: os 80 anos do resgate dos judeus da Dinamarca.

Créditos

Setembro de 2023

Realização

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
Museu do Holocausto de Curitiba
Presidente
Miguel Kringsner

Coordenação-Geral

Carlos Reiss

Pesquisa e Redação

Michel Ehrlich
Carlos Reiss
Salus Loch (assinado)

Propostas Educativas

Denise Weishof
Luzilete Falavinha

Revisão

Laura Nicolli

Concepção de Arte

Fabio Bueno

Traduções e Contatos

Gabriel Tatar

Parceiro

Dansk Jødisk Museum (Museu Judaico Dinamarquês)

Agradecimentos

Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo (Arqshoah/Leer-USP), Avraham Milgram (Tito), Ben Lerner Hoffmann, Eloiza Vasconcelos, Eva Bonfil, Jaime Ingberman, Janus Møller Jensen, Maria Lucia Voitech Neumann, Salus Loch, Thomas B. Egebæk.

